

Rupturas e fragmentos: a gênese da obra em prosa de Annette von Droste-Hülshoff

Magdalena Nowinska¹

1 Introdução

POUCAS AUTORAS ALEMÃS EM GERAL, E MENOS AINDA AUTORAS ALEMÃS DO SÉCULO XIX, SÃO HOJE EM DIA tão extensivamente pesquisadas e estudadas, pelo menos nos países da língua alemã², como Annette von Droste-Hülshoff (1797-1848). Suas obras contam com inúmeras edições, atuais e passadas, e há um grande número de publicações acadêmicas acerca dela, bem como uma extensa edição histórico-crítica³ das suas obras, além de obras ficcionais⁴. Essa recepção intensa, no entanto, é um fenômeno relativamente recente⁵ e oculta o contexto da gênese e história da publicação de seus escritos. A edição crítica das obras de Droste-Hülshoff, com seus 28 volumes, pode dar a impressão de que ela sempre foi bem-sucedida no mercado literário alemão; no entanto, um olhar para o histórico efetivo da produção e publicação dos escritos reunidos na edição crítica deixa entrever diversas rupturas e dificuldades neste processo, dificuldades essas compartilhadas por muitas outras autoras do século XIX. Dentre as obras de Droste-Hülshoff, que abrangem escritos em prosa, poesia e drama, são principalmente as obras em prosa que se mostram reveladoras a este respeito. Enquanto ela conseguiu se estabelecer como autora de obras líricas - embora com poucas publicações, mas essas relativamente bem recebidas⁶ - o cenário dos seus projetos em prosa é bem diferente: aqui predominam fragmentos, textos não-publicados, projetos abandonados e rejeição por parte da crítica.

As dificuldades com as quais Droste-Hülshoff se confrontava não necessariamente tinham a ver com o acesso ao mercado literário em si. Em um ensaio sobre autoras alemãs e inglesas do século XIX, Hannelore Schlaffer sustenta que as mulheres na Alemanha, desde o século XVIII, não tiveram "maiores dificuldades do que homens para escrever e publicar"⁷. Essa afirmação é certamente verdadeira do ponto de vista das possibilidades: o mercado editorial estava aberto a mulheres na Alemanha do século XIX e autoras atuavam cada vez mais profissionalmente

¹ Doutora pela Universidade de São Paulo (USP). Email: mnowinska@usp.br.

² Ao contrário de muitas outras autoras, Droste-Hülshoff faz parte há bastante tempo, desde o final do século XIX, do cânone literário alemão. A sua posição destacada na história da literatura alemã deve-se, além da qualidade dos seus escritos, a uma atividade intensa da divulgação da sua obra por amigos e familiares depois da sua morte (cf. NUTT-KOFOTH, 2018).

³ A *Historisch-Kritische Ausgabe* [Edição Histórico-Crítica], editada entre 1978 e 2000 por Winfried Woessler (cf. WOESSLER, 1978). Todas as referências a textos de Droste-Hülshoff referem-se a essa edição, abreviada a partir daqui por HKA.

⁴ Cf. por exemplo a recente publicação de Duve (2020).

⁵ A sua recepção iniciou-se relativamente tarde, apenas no final do século XIX, algumas décadas após a sua morte. Até então, ela fora uma autora pouco recepcionada.

⁶ cf. BLASBERG, 2018.

⁷ SCHLAFFER, H. Die weibliche Muse und der Weltruhm. Schriftstellerinnen in Deutschland und England im 19. Jahrhundert. In: BORGARDS, R. (Ed.). *Diskrete Gebote: Geschichten der Macht um 1800*. Festschrift für Heinrich Bosse. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2002. p. 279–290, p. 279.

nesta área, produzindo textos e negociando com editores⁸. No entanto, a atuação de autoras no mercado literário e editorial na Alemanha estava, ao mesmo tempo, constrangida por diversos fatores biográficos e sociais, como o papel restrito atribuído a mulheres na sociedade alemã⁹. Outro fator importante na Alemanha do século XIX foi a diferenciação entre literaturas denominadas de "masculinas" e "femininas". No sistema literário alemão do século XIX, diferenciava-se entre um estilo "feminino" e um estilo "masculino", sendo que apenas certos gêneros textuais ou estilos literários – como romance sentimental e cartas – eram considerados adequados para mulheres; os demais eram considerados "não femininos"¹⁰. Droste-Hülshoff teve a ambição de atuar justamente em algumas áreas da literatura consideradas "masculinas". No entanto, em uma cultura literária fortemente enraizada na cultura acadêmica, as mulheres estavam claramente em desvantagem, por exemplo, por não terem acesso às universidades¹¹. Tentativas de escrever e publicar aquilo que era considerado "literatura masculina" (ou "prosa erudita", como por exemplo o romance de formação ou *Bildungsroman*) apresentavam-se como difíceis para mulheres, pelo tipo de vivências que eram pressupostas, das quais mulheres do século XIX na Alemanha estavam excluídas por estarem limitadas a uma vida doméstica. Dentre os gêneros literários acessíveis era a principal delas a ficção em prosa, principalmente o romance, por não pressupor uma formação acadêmica.

Assim, se por um lado a recepção atual, a acessibilidade e o número de edições das obras de Droste-Hülshoff sugerem uma trajetória destinada ao sucesso, um olhar para o processo da gênese dessas obras permite entrever alguns dos constrangimentos que dificultavam a atuação de escritoras na Alemanha do século XIX, a despeito da aparente abertura do mercado editorial alemão às mulheres. Este artigo se propõe a explorar esses constrangimentos por meio da análise da gênese da obra em prosa de Droste-Hülshoff. Com base em uma análise das circunstâncias dessa gênese busca-se identificar alguns fatores que influenciavam a produção literária de mulheres no século XIX na Alemanha.

Para isso, o artigo parte de uma contextualização de Droste-Hülshoff, uma autora alemã ainda relativamente desconhecida no Brasil, com recepção ainda incipiente. A uma apresentação breve dos contextos biográfico, social e histórico-literário da autora segue-se uma discussão da gênese dessa obra em prosa. A análise apoia-se principalmente em afirmações da própria Droste-Hülshoff e de outras pessoas do seu entorno, publicadas em cartas e em outros epítextos¹², que serão interpretados levando em consideração o contexto biográfico e histórico da autora e sua época.

O foco desta análise recai, assim, na fase da *produção* das obras, fase essa que, como argumenta Grésillon¹³, permite formular hipóteses sobre processos de escrita, em oposição a análises centradas apenas no produto. Como o objetivo é estabelecer hipóteses sobre as razões para a realização ou o abandono de projetos, o olhar aqui não

⁸ cf. p. ex. VAHSEN, 2008.

⁹ Com limitações que abrangiam, por exemplo, a liberdade de exercer uma profissão ou de administrar o seu próprio dinheiro. O papel predestinado para mulheres na sociedade alemã do século XIX era o de mãe e cuidadora do lar. Cf. p. ex. Brinker-Gabler (1988).

¹⁰ cf. LIEBRAND, 2008.

¹¹ Com raras exceções, na Alemanha a formação universitária só foi franqueada a mulheres a partir do final do século XIX, cf. Majcher e Zimmer (2010).

¹² GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

¹³ GRÉSILLON, A. Was ist Textgenetik? In: BAURMANN, J.; WEINGARTEN, R. (Eds.). *Schreiben: Prozesse, Prozeduren und Produkte*. Opladen: Westdeutscher Verl, 1995. p. 288–319, p. 288.

está direcionado aos manuscritos, objetos normalmente visados pela crítica genética¹⁴, mas epitextos diversos¹⁵, fontes que documentam o processo de escrita e podem iluminar as motivações para finalizar ou descontinuar os projetos analisados. Assim, por meio de uma análise dos contextos da gênese dos escritos em prosa de Droste-Hülshoff, este artigo visa a discutir possíveis dificuldades com as quais ao menos uma parte das autoras alemãs do século XIX se deparavam.

2 *Annette von Droste-Hülshoff, uma autora alemã do século XIX*

Annette von Droste-Hülshoff nasceu em 1797 no norte do território que hoje é Alemanha, na então Westfália, e era filha de uma antiga família aristocrática que, no feudalismo tardio do final do século XVIII e início do século XIX, ainda mantinha muitos dos hábitos e privilégios desse grupo social. Tanto a sua origem nobre, quanto a região da Alemanha na qual Droste-Hülshoff nasceu e passou a maior parte da sua vida, a Westfália, foram temas importantes em sua atividade literária. De frágil saúde desde a infância, Droste-Hülshoff morreu de uma doença pulmonar em 1848, com 50 anos.

Do grande número dos textos que escreveu, documentados nos 28 volumes da HKA, apenas alguns foram publicados durante a sua vida. Droste-Hülshoff publicou dois volumes de poesias, o seu gênero preferido e que a definiu como autora. O primeiro dos volumes, intitulado simplesmente *Gedichte (Poemas)*, foi publicado em 1838, sem qualquer menção do seu nome. Quando dessa primeira publicação Droste-Hülshoff já tinha 41 anos. O volume foi ampliado com alguns textos adicionais nos anos seguintes e reeditado, desta vez com o nome de Droste-Hülshoff, em 1841, sob o mesmo título.

A primeira publicação teve uma recepção muito discreta, fato atribuído por Nutt-Kofoth (2018) e Schneider (1995) à má escolha da editora, de alcance apenas regional, bem como à escolha dos textos incluídos. Em ambas as decisões a autora deixou-se guiar por seu então mentor literário, Christoph Bernd Schlüter, um filósofo e amigo da família de Droste-Hülshoff. Como relata Renate von Heydebrand¹⁶, ao escolher a editora Aschendorff, de Münster, o conservador Schlüter impôs a sua vontade contra a recomendação de Adele Schopenhauer, amiga de Droste-Hülshoff, que a aconselhara a publicar em uma editora com maior visibilidade; a influência de Schlüter alinhava-se também à pressão da família de Droste-Hülshoff contrária a sua exposição em público. Do mesmo modo, a escolha dos poemas incluídos no volume fora influenciada por Schlüter com intenções similares, de preservar a imagem da filha dos nobres na esfera pública, aconselhando-a a publicar apenas textos considerados condizentes com sua posição como mulher nobre. Este episódio ilustra bem o campo de forças no âmbito do qual Droste-Hülshoff teve que navegar para alcançar os seus objetivos como autora. Ao mesmo tempo, análises como a de Renate von Heydebrand demonstram uma mudança, em trabalhos mais recentes, na forma de interpretar o contexto social e literário de Droste-Hülshoff. Se a influência de mentores como Schlüter, por quem Droste-Hülshoff deixava-se aconselhar sobretudo no início da sua carreira, era vista em trabalhos mais antigos

¹⁴ cf. PINO; ZULAR, 2007; ZULAR, 2002.

¹⁵ cf. GENETTE, 2009.

¹⁶ VON HEYDEBRAND, R. Interferenzen zwischen Geschlechterdifferenz und Poetik. Annette von Droste-Hülshoff und Levin Schücking als schreibendes Paar. *Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur (IASL)*, v. 26, n. 2, p. 121–157, dez. 2001, p. 136.

principalmente como benevolente frutífera para a jovem autora¹⁷, análises mais recentes consideram esses aconselhamentos de um modo mais diferenciado e apontam para o papel de outros agentes, principalmente outras mulheres, como fatores importantes no seu processo criativo.

A segunda edição dos *Poemas*, ampliada, teve uma ressonância maior no mercado editorial alemão, graças à escolha de uma editora com mais impacto no mundo literário alemão, a editora Cotta, de Stuttgart, e também à inclusão de alguns poemas rejeitados antes pelo conservador Schlüter, os quais, ironicamente, posteriormente se tornariam os mais conhecidos de Droste-Hülshoff. O contrato da edição de 1841 previa, além disso, o pagamento de um honorário para a autora, dinheiro com o qual Droste-Hülshoff comprou uma casa nas cercanias do Lago de Constança, no sul da Alemanha. A segunda edição dos seus poemas foi, assim, responsável pelo estabelecimento de Droste-Hülshoff como escritora reconhecida na Alemanha do século XIX. Apesar disso, a esse sucesso seguiu-se a publicação de somente mais uma obra¹⁸, da narrativa em prosa *Die Judebuche* ("A faia dos judeus"), que analisarei mais adiante.

Todo o restante dos textos de Droste-Hülshoff, que compõem a extensa edição histórico-crítica - poesia, prosa, drama, peças de música e cartas - foi publicado apenas postumamente. Algumas dessas obras foram publicadas já no decorrer do século XIX, por amigos e familiares da autora, ávidos por preservar e fomentar a fama dela. Com isso, a partir do final do século XIX, passou a haver uma recepção mais sistemática de sua obra por meio de várias edições críticas.

O contexto da atividade literária de Droste-Hülshoff, na primeira metade do século XIX, é caracterizado por uma Alemanha marcada por perturbações políticas advindas dos ecos da Revolução Francesa. É possível afirmar, de modo simplificado, que as posições políticas na sociedade alemã da época orbitavam entre dois polos. De um lado, havia posições mais liberais, inspiradas pela Revolução Francesa, que visavam a derrubar a velha ordem política, posteriormente chamadas de "Vormärz", termo da história literária que poderia ser traduzido como "o pré-março" e que se refere à atividade política intensa antes de março de 1848, mês em que as aspirações liberais foram abafadas com a supressão da Revolução de 1848. De outro lado, havia posições mais conservadoras, que visavam à restauração da antiga ordem. Em linhas gerais, a produção literária da época também seguia essa polarização; no entanto, uma grande parte dos autores da ala conservadora evitava a discussão aberta de temas políticos em seus escritos. Suas posições políticas ficavam assim mais identificadas pela ausência de posicionamentos explícitos do que por tomadas explícitas de posições. Para designar esse grupo de autores cunhou-se posteriormente a denominação "Biedermeier", um termo alemão que denomina menos um grupo e mais uma atitude - de escapismo das turbulências políticas - junto com uma poetologia que frequentemente é caracterizada como epigonal ao Romantismo, por dar continuação a essa estética. A crítica literária mais antiga identificava a obra de Droste-Hülshoff, também devido a sua ascendência aristocrática, com aquele grupo de autores, representantes da estética e do posicionamento político "Biedermeier"¹⁹. Essa identificação é colocada em xeque hoje em dia. Críticos mais contemporâneos veem na obra de Droste-Hülshoff uma heterogeneidade de atitudes que vai além de uma posição meramente epigonal e um pensamento restaurativo (cf. por exemplo

¹⁷ cf. por exemplo os trabalhos de NETTESHEIM, 1956, 1961.

¹⁸ Ou duas, se contarmos uma publicação não autorizada pela autora. Essa publicação ocorreu sem o conhecimento de Droste-Hülshoff e anonimamente. Sobre isso cf. tópico 3, abaixo.

¹⁹ Classificação tradicional, cf. Sengle (1980), Kraft (1998). Para uma visão mais problematizante cf. Nutt-Kofoth (2017).

FRANK; SCHERER, 2018). A produção literária de Droste-Hülshoff tem sido vista, em trabalhos de crítica mais recentes, como reflexo das rupturas e incertezas de uma época entre revoluções, buscando fugir da epigonalidade do Romantismo sem ainda contudo encontrar uma política nova para os novos tempos²⁰.

Além dos contextos político e literário mais amplos, fatores ligados ao contexto biográfico mais específico de Droste-Hülshoff também influenciaram fortemente a sua atuação como escritora. Entre esses fatores estão aqueles ligados ao gênero - como a forma como ela fora educada e a liberdade pessoal que teve - bem como fatores ligados à sua ascendência aristocrática, como já foi indicado acima²¹.

A educação que Droste-Hülshoff recebeu em casa não se reflete em sua obra, cuja alta erudição é notável. Formalmente, Droste-Hülshoff recebeu uma educação básica, compartilhada com seus irmãos, que, por serem homens, continuaram os estudos na universidade, oportunidade não franqueada à irmã²². A obra de Droste-Hülshoff evidencia, no entanto, um alto grau de autodidatismo em muitas áreas de conhecimento, especialmente nas áreas de ciências naturais e geologia, temas recorrentes da sua poesia; ela ampliava os seus conhecimentos por meio de livros e contatos com diversos círculos intelectuais do seu tempo.

Se Droste-Hülshoff conseguiu ampliar por força própria seus horizontes intelectuais, os seus horizontes físicos permaneceram muito limitados. Com poucas e breves exceções Droste-Hülshoff passou a vida inteira no castelo da família Hülshoff, na Westfália. Mais tarde, em uma tentativa de criar espaço para si - o *status* de mulher solteira a obrigava a estar à disposição da família - ela se mudou para uma casa nas redondezas da propriedade da família; esta casa, chamada *Rüschhaus*, fora do castelo da família, mas ainda nas redondezas dele, tornou-se muito simbólica para as tentativas de Droste-Hülshoff de alcançar independência.

Com a exceção de algumas viagens curtas para regiões próximas na Alemanha e para os Países Baixos (que também são próximos da região onde Droste-Hülshoff morava) ela pouco circulou, até uma idade avançada, para além da sua região de nascimento. Apenas em seus últimos anos de vida ela deixou esse círculo geográfico limitado, passando a viver em uma casa própria na região do Lago de Constança, no sul da Alemanha, casa essa adquirida com o dinheiro que provinha do seu sucesso literário como poeta (cf. acima). A compra de uma casa própria era algo relativamente raro entre mulheres, as quais, na Alemanha do século XIX, tinham possibilidades muito limitadas para dispor de seus próprios recursos financeiros.

Como mulher solteira, Droste-Hülshoff tinha ainda diversas obrigações em relação à sua família, obrigações essas que com frequência atrapalhavam suas atividades literárias; no entanto, Liebrand²³ ressalta que ser solteira lhe dava também mais liberdade do que ela teria se fosse casada. Neste aspecto, Droste-Hülshoff pode ser comparada a outras autoras europeias do século XIX como, por exemplo, Jane Austen ou Charlotte Brontë.

Em comparação com vários colegas homens, como mulher e descendente de família aristocrática, Droste-Hülshoff levava uma vida relativamente isolada enquanto autora²⁴. No entanto, se por um lado essas circunstâncias

²⁰ cf., por exemplo, DETERING, 2020.

²¹ Este fator, no entanto, constringia homens e mulheres igualmente na Alemanha da burguesia acendente do século XIX; um exemplo masculino dessa questão é, por exemplo, Heinrich von Kleist, também filho de uma família de nobres.

²² O acesso a universidades para mulheres começou na Alemanha apenas no final do século XIX. Cf. sobre isso por exemplo Bleker (1998), Dickmann et al. (2002).

²³ LIEBRAND, C. *Kreative Refakturen: Annette von Droste-Hülshoffs Texte*. Freiburg i. Br. [u.a.]: Rombach Verlag, 2008, p. 9.

²⁴ Annette von Droste-Hülshoff é frequentemente caracterizada como uma *outsider*, tanto em relação a sua posição social quanto em relação a sua produção literária. Muitos aspectos de sua vida e obra vinham sendo explicados, por biógrafos e

personais não lhe permitiam desprender-se muito do círculo social de sua família, por outro lado Droste-Hülshoff cultivava uma rede de contatos intelectuais que lhe permitia superar ou pelo menos relativizar essa situação. Esses contatos surgiram, por um lado, por intermediação de seus irmãos, formados em universidades, que reconheciam o talento e as ambições da irmã e procuravam integrá-la em seus círculos intelectuais. No entanto, Droste-Hülshoff buscava também ativamente contatos, integrando-se, por exemplo, a círculos literários, chamados de *Salons* em alemão, dirigidos por mulheres como Wilhelmine von Thielmann e Sybille Mertens-Schaafhausen²⁵. Por meio de correspondências e encontros pessoais, Droste-Hülshoff conseguiu, assim, estabelecer uma rede de contatos com algumas personalidades importantes da esfera intelectual de seu tempo, tanto homens (por exemplo os irmãos Grimm) quanto mulheres.

Foi por meio desta rede de contatos intelectuais e pessoais²⁶, que Droste-Hülshoff recebeu apoio e encorajamento para a sua atividade literária, e também apoio prático na busca de possibilidades de publicação. A influência desses contatos e círculos fora positiva para o seu processo criativo, embora não sem uma certa ambivalência. De um lado, certamente significava um apoio contra as limitações que a ascendência nobre impunha a Droste-Hülshoff. Apesar de tolerada, sua atividade literária nunca foi inteiramente aprovada pela família. Para uma família aristocrata na Alemanha do final do século XVIII, escrever, publicar (ou seja, expor-se ao escrutínio público) e ganhar dinheiro com isso representava uma atividade burguesa, considerada indigna de uma descendente de nobres. Tolerava-se o escrever de como passatempo pessoal, exercido e discutido no âmbito familiar; no entanto, a sua ambição de publicar e de se expor à opinião pública encontrou forte resistência em sua família, da qual Droste-Hülshoff, como mulher solteira, era muito dependente. Assim, os esforços das amigas, dos amigos e dos mentores ajudaram-na a deixar o círculo estritamente familiar e alcançar a esfera pública.

Se o apoio era bem-intencionado, ele era, no entanto, também guiado pelas convenções do seu tempo, especialmente também em relação ao fato de Droste-Hülshoff ser uma mulher. Especialmente a influência dos homens em seu processo criativo fora determinada por essas convenções. Como já foi indicado na discussão sobre a publicação da primeira edição dos *Poemas*, acima, mentores literários como Christoph Bernd Schlüter exerciam influência bem-intencionada, mas guiada por convenções ligadas ao contexto social e ao gênero da autora. Outros, como Levin Schücking, construíam, em trabalhos biográficos ou edições póstumas, uma imagem da autora ajustada às convenções da época²⁷.

Contudo, como mostra Renate von Heydebrand²⁸, a influência masculina no caso de Droste-Hülshoff nem sempre significava apenas uma forma de "censura" patriarcal, no sentido discutido por exemplo por Silva e Montémont²⁹. No caso de Levin Schücking, por exemplo, os papéis eram em parte até mesmo invertidos. Schücking, um homem 17 anos mais jovem do que Droste-Hülshoff, escritor, amigo e por muitos anos objeto de

críticos, como produto de uma vida relativamente solitária (KRAFT, 1998, p. 6). Essa "solidão" (esse é, por exemplo, o título de uma de suas biografias, cf. Lavater-Sloman (1957)), contudo, vem sendo questionada atualmente.

²⁵ cf. VON HEYDEBRAND, 2001, p. 137.

²⁶ cf. DITZ; MAURER, 2006.

²⁷ cf. VON HEYDEBRAND, 2001.

²⁸ VON HEYDEBRAND, R. Op. cit.

²⁹ SILVA, C. C. e; MONTÉMONT, V. Crítica Genética e estudos de gênero: censura e normalização em dois diários de mulher. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, [S.I.], n. 42, p. 245–255, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/180206>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

amor (platônico) da autora, abria as portas do mercado editorial para ela, como no caso da publicação da narrativa *Die Judenbuche* (cf. abaixo), encorajava a sua produção literária e introduzia Droste-Hülshoff nos círculos mais progressistas da cena intelectual alemã. Ao mesmo tempo, e em uma espécie de inversão dos papéis tradicionais de casais de escritores na época, ele desempenhava um papel de "musa literária" para Droste-Hülshoff, tornando-se assim sujeito de muitos de seus poemas. A recepção póstuma dos dois também contradiz estereótipos de gênero no caso literário: foi a mulher que se tornou uma autora canônica, enquanto Schücking é lembrado hoje apenas como seu amigo e apoiador.

Em muitos aspectos, assim, Droste-Hülshoff pode ser caracterizada como uma mulher que, embora se mostrasse publicamente alinhada às expectativas que recaíam sobre ela em razão do seu pertencimento à aristocracia, também subvertia essas expectativas em muitos aspectos, mesmo que não abertamente e sem provocar rupturas violentas. Essa combinação de forças contraditórias se faz visível também em sua obra, especialmente na obra em prosa, como será analisado a seguir.

3 A produção literária em prosa de Droste-Hülshoff

A discussão abaixo abrange cinco textos em prosa literária de Droste-Hülshoff. São cinco textos que ela escreveu com a intenção, nem sempre bem-sucedida, de publicar sob seu nome. Além desses textos, a HKA documenta também outras produções em prosa da autora: fragmentos que ela escreveu na juventude, cartas³⁰, bem como contribuições em prosa para projetos colaborativos, principalmente em colaboração com Levin Schücking³¹. Tendo em vista os objetivos da presente discussão, sobre a atuação de autoras no mercado literário alemão do século XIX, concentro-me aqui apenas nas cinco obras que Droste-Hülshoff visava publicar. As outras produções de Droste-Hülshoff, mencionadas acima, evidenciam outros problemas e questões que, devido ao escopo deste artigo, não serão aqui discutidas.

Desses cinco textos, dois foram publicados ainda em vida: *Die Judenbuche* ("A faia dos judeus") e *Westphälische Schilderungen aus einer westphälischen Feder* ("Relatos westfalianos de uma pena westfaliana"). Droste-Hülshoff publicou apenas um deles por iniciativa própria, o conto *Die Judenbuche*; a narrativa *Westphälische Schilderungen* foi publicada anonimamente e a despeito das tentativas da autora de impedir isso. Além disso, existem ainda três textos inacabados e publicados postumamente: o fragmento *Ledwina* ("Ledwina"), o relato inacabado *Bei uns zu Lande auf dem Lande* ("Em nossa terra, no interior") e o fragmento *Joseph* ("Joseph"). A seguir, discuto a gênese e a história da publicação desses textos sob o ponto de vista dos motivos pelos quais quase todos eles, com a exceção da *Judenbuche*, foram abandonados enquanto projetos literários pela autora.

³⁰ Na crítica, as cartas não costumam ser incluídas à sua prosa literária. No entanto, Spies (2010) investigou o caráter literário dessas cartas, constatando semelhanças à prosa ficcional de Droste-Hülshoff no que diz respeito a temas e técnicas narrativas. Contudo, ela classifica as cartas apenas como "ensaios literários" (SPIES, 2010, p. 23) de Droste-Hülshoff.

³¹ A autoria desses textos foi reconstruída pelos editores da HKA postumamente; as contribuições de Droste-Hülshoff nessas colaborações foram publicadas sem menção do nome da autora, embora aparentemente com o consentimento dela. Cf. sobre isso von Heydebrand (2001).

3.1 A primeira tentativa em prosa: 'Ledwina'

O fragmento *Ledwina* (HKA V,1) foi a primeira tentativa de escrever um texto em prosa para publicação. O texto, concebido pela autora como novela ou romance³², consiste em algumas cenas narradas do ponto de vista da protagonista, a jovem aristocrata Ledwina, que sofre de tuberculose. O texto se inicia com um passeio de Ledwina, doente e assombrada por visões da morte, e passa posteriormente para uma descrição de Ledwina em seu círculo familiar, uma família de nobres da Westfália, na qual a natureza sonhadora da protagonista e suas visões poéticas contrastam com as atitudes mais pragmáticas dos outros membros da família; o texto termina abruptamente após alguns poucos capítulos.

Neste seu primeiro texto em prosa, Droste-Hülshoff trabalhou com a forma do romance sentimental. O texto evidencia alguns elementos biográficos, visíveis em alguns dos personagens e no ambiente westfaliano. Além disso, Droste-Hülshoff compartilhava com a sua personagem Ledwina uma saúde frágil, ambições poéticas, a busca pelo refúgio na natureza da vida em família e uma decepção amorosa.

Droste-Hülshoff trabalhou nesse texto entre 1819 e 1821, ou seja, quando tinha entre 22 e 24 anos de idade. Em fevereiro de 1819, ela escreveu ao seu amigo e mentor Schlüter sobre o plano de "tentar agora também a ficção"³³ – até então ela havia trabalhado somente com poesia. Nos dois anos que se seguiram, ela trabalhou continuamente no texto, como fica evidente em suas cartas. As cartas não verbalizam a razão por que Droste-Hülshoff abandonou esse projeto, mas a já citada carta de 1819 fornece um indício. Droste-Hülshoff observa, um tanto decepcionada, que está trabalhando em um formato e um tema bastante popular da sua época, "[...] mas eu percebo que, em vez de inventar algo novo, fiquei com o tema preferido do nosso tempo [...] não tenho como terminar a minha novela que já tem tantas irmãs, que talvez não se pareçam com ela no que diz respeito ao argumento principal, mas se parecem tanto mais no que diz respeito à forma [...]"³⁴. O formato do romance sentimental provou-se pouco produtivo para Droste-Hülshoff. Apesar de deixar de retornar ao manuscrito de *Ledwina* por mais dois anos, há consenso de que a rejeição da temática sentimental como "tema preferido" de seu tempo deve ter sido a razão do abandono do projeto³⁵. Para Howe³⁶, contudo, não foi apenas a temática, mas também questões poetológicas que fizeram Droste-Hülshoff abandonar *Ledwina*; segundo ela, Droste-Hülshoff não conseguiu dar à matéria a forma que imaginava.

A história do projeto de *Ledwina* mostra, de um lado, a relação de Droste-Hülshoff com gêneros convencionalmente considerados "femininos" no século XIX. De outro lado, a história da recepção do fragmento, atualmente lido com frequência do ponto de vista de estudos feministas e estudos de gênero³⁷, contrasta com a

³² Nas cartas relacionadas ao processo de escrever *Ledwina*, Droste-Hülshoff usa ambas as denominações.

³³ HUGÉ, W. (ED.). *Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel*. Bd. 5,2 Prosa, Dokumentation. Tübingen: Niemeyer, 1984, p. 581.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ cf. BLASBERG; GRYWATSCH, 2018; SENGLE, 1980, p. 625.

³⁶ HOWE, P. "Ledwina" and "Bei uns zu Lande auf dem Lande": Two Unfinished Texts. *Occasional Papers in German Studies: Women Writers of the Age of Goethe*, v. 10, p. 29–60, 1998, p. 46.

³⁷ Cf., por exemplo, Liebrand (2008), Sazaki (1997), Stanley (1996), Tully (1999).

recepção geral dos textos de Droste-Hülshoff, que em princípio não foram lidos e interpretados como "literatura de mulheres"³⁸.

3.2 Experiências narratológicas e formais: Os textos da Westfália

Em 1838, um ano depois de ter publicado os seus primeiros poemas, o gênero pelo qual ficaria conhecida, Droste-Hülshoff foi encorajada por amigos e conhecidos a escrever uma obra sobre a Westfália³⁹. A proposta era escrever sobre a região na tradição dos relatos de viagem, um gênero que combinava fatos com ficção, muito popular à época. Droste-Hülshoff produziu três textos vinculados a esse projeto: o fragmento não publicado *Bei uns zu Lande auf dem Lande*, a novela *Die Judenbuche*, e uma espécie de tratado intitulado *Westphälische Schilderungen aus einer westphälischen Feder*, publicado em 1845 anonimamente e sem o consentimento da autora, como mencionado acima.

3.2.1 Pseudo-relato de viagem: 'Bei uns zu Lande auf dem Lande'

O texto inicial desse projeto foi o relato semificcional *Bei uns zu Lande auf dem Lande* (o título, em alemão um jogo de palavras, poderia ser traduzido como "Na nossa terra, no interior da Westfália") (HKA, V,1). Em uma carta de 1838 para Levin Schücking Droste-Hülshoff menciona o plano "de escolher como tema do meu próximo trabalho o estado da nossa pátria, assim como eu a conheci na minha infância, e os costumes e as particularidades de seus habitantes"⁴⁰. Por algum tempo, Droste-Hülshoff hesitou em relação ao formato desse trabalho, contemplando tanto o formato do relato de viagem nos moldes de *Bracebridge Hall* (1832), de Washington Irving, um texto que ela apreciava, quanto uma sequência de contos. Em 1841, Droste-Hülshoff decidiu seguir o exemplo de Irving⁴¹, mas o projeto, apesar de iniciado, nunca foi finalizado. O formato escolhido visava a forma de uma pseudoedição: um relato de viagens de um viajante fictício, organizado e apresentado por um editor também fictício. Dos 24 capítulos planejados originalmente, no entanto, Droste-Hülshoff completou apenas três, além da introdução do editor fictício e do prefácio do nobre fictício, cujo relato de viagens o livro supostamente seria. O fragmento abrange a chegada do nobre viajante à Westfália, suas impressões da região, bem como algumas cenas cotidianas de uma família de nobreza westfaliana, na casa da qual o viajante se hospeda.

A construção narrativa complexa – o relato de um viajante fictício, apresentado por um editor fictício – era uma tentativa de Droste-Hülshoff de criar uma ilusão de distanciamento do tema tratado. A família nobre westfaliana que abriga o viajante em muito se parece com a família da própria Droste-Hülshoff, uma circunstância que, na crítica, é tida como razão para o abandono do projeto. A escolha de um viajante e, portanto, narrador

³⁸ Cf. Beleman (1993) e Niethammer (2002). Um marco importante para esta recepção foi a caracterização de Droste-Hülshoff como autora de "caráter masculino" na biografia da autora publicada por Levin Schücking em 1861 (cf. SCHÜCKING, 1992), que contribuiu significativamente à imagem de Droste-Hülshoff nos anos posteriores. O ditado de Schücking do "caráter masculino" dos textos de Droste-Hülshoff ganhou vida própria e influenciou a canonização da autora.

³⁹ cf. GUTHRIE, 1988, p. 351.

⁴⁰ HUGE, W. *Op. cit.*, p. 650

⁴¹ cf. GUTHRIE, *op. cit.*

masculino foi uma decisão consciente de Droste-Hülshoff, não apenas por ser mais verossímil – mulheres viajantes solteiras não eram comuns - mas também por razões poetológicas: Droste-Hülshoff quis manter o texto com um tom humorístico⁴², um aspecto estilístico considerado por ela inadequado para vozes femininas na época⁴³. A decisão de representar a Westfália por meio do olhar de um forasteiro, no entanto, é uma técnica comum do romance de viagem: a partir da perspectiva de alguém de fora, o conhecido pode ser descrito como desconhecido⁴⁴. Como relato de viagem, *Bei uns zu Lande auf dem Lande* pertence a um gênero muito popular no século XIX, especialmente entre autores do "Vormärz", como, por exemplo, Heinrich Heine⁴⁵.

Novamente, não há verbalizações concretas das razões para o abandono do texto. É possível, como argumentam Guthrie⁴⁶ e Liebrand⁴⁷, que a causa da interrupção do trabalho tenha sido o tema: a narrativa mostra, assim como em *Ledwina*, muitas semelhanças com a situação biográfica de Droste-Hülshoff, algo que não lhe agradava, mas que, ao mesmo tempo, não conseguia mudar. As cartas de Droste-Hülshoff indicam, no entanto, de novo (como já com *Ledwina*) questões mais poetológicas: uma insatisfação com o formato escolhido. Blasberg e Grywatsch⁴⁸ supõem que é exatamente aqui que deve ser identificada a razão para o abandono dos diversos projetos em prosa de Droste-Hülshoff. A autora buscava caminhos novos para a sua prosa, tentando distanciar-se dos moldes antigos, experimentando com formatos inusitados, mas sem encontrar ainda uma forma adequada para satisfazer suas visões poéticas.

3.2.2 O jogo com os fatos: 'Die Judenbuche'

O material que Droste-Hülshoff recolheu e organizou para escrever *Bei uns zu Lande auf dem Lande* foi por ela aproveitado, depois de abandonar aquele projeto, para escrever seus dois outros textos tematicamente ligados à região da Westfália. Um desses textos é a narrativa *Die Judenbuche* ("A faia dos judeus") (HKA V,1), que Droste-Hülshoff publicou como parte de uma futura grande obra sobre a Westfália, um plano que, no entanto, também não se concretizou.

O texto conta a história do camponês Friedrich Mergel, no ambiente da Westfália rural do século XVIII. Depois de crescer em uma região isolada, na qual "justiça e injustiça um tanto se confundiam"⁴⁹, Friedrich é levado para a carreira criminosa por seu tio, que era também uma espécie de pai substituto, Simon Semmler. Pouco depois, ele torna-se testemunha do assassinato de um guarda florestal e, mais tarde, é considerado suspeito de ter matado Aaron, um comerciante judeu ao qual devia dinheiro. Friedrich foge da região, para só voltar 28 anos mais tarde,

⁴² Sobre o humor na obra de Annette von Droste-Hülshoff cf. Arend (1990) e Chambers (2007).

⁴³ cf. OESTERLE, 2002.

⁴⁴ cf. LIEBRAND, 2008.

⁴⁵ cf. FRANK, 2007.

⁴⁶ GUTHRIE, J. *Op. cit.*, p. 352.

⁴⁷ LIEBRAND, C. *Op. cit.*, p. 164.

⁴⁸ BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. Einleitung. In: BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. (Eds.). *Annette von Droste-Hülshoff Handbuch*. Berlin & Boston: De Gruyter, 2018. p. 477–480.

⁴⁹ DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgigten Westfalen. In: HUGE, W. (Ed.). *Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel. Bd. 5,1 Prosa, Text*. Tübingen: Niemeyer, 1978 [1842], p. 1–42, p. 3.

dizendo ser Johannes Niemand, o filho natural de Simon Semmler, que fugiu junto com ele. A denúncia de assassinato já havia sido arquivada. Friedrich/Johannes conta ao senhor feudal da região e aos habitantes do seu vilarejo que fora feito escravo na Turquia. Poucos meses depois de sua volta ao vilarejo, ele é encontrado enforcado na mesma árvore embaixo da qual Aaron fora assassinado, árvore essa que havia sido comprada pela comunidade judaica da região e marcada com uma inscrição hebraica que exortava vingança pela morte de Aaron, nunca esclarecida. Os habitantes do vilarejo identificam o homem como Friedrich Mergel e sua morte é interpretada como suicídio e confissão de culpa pela morte de Aaron. A própria novela, no entanto, deixa essa interpretação em aberto.

Nas suas primeiras anotações sobre o projeto, dos anos 1820, Droste-Hülshoff deixa claro que, originalmente, pretendia apenas escrever uma história criminal, baseada em um caso real⁵⁰. Droste-Hülshoff planejava mais tarde incluir a história como uma espécie de quadro de costumes dentro da obra sobre a Westfália apresentada anteriormente, *Bei uns zu Lande auf dem Lande*. Depois de ter abandonado esse último projeto, Droste-Hülshoff, encorajada por Levin Schücking, resolveu publicar apenas a história de Friedrich Mergel. Schücking intermediou o contato com uma revista literária influente e amplamente conhecida no mercado literário alemão, a *Morgenblatt für gebildete Leser*, da editora Cotta, em Stuttgart. Em 1842, a narrativa foi aceita pela revista. O título sugerido por Droste-Hülshoff – *Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen* ("Um quadro de costumes da Westfália serrana") – foi transformado em subtítulo pelo editor da revista, Hermann Hauff⁵¹. Hauff sugeriu como título *Die Judenbuche*, expressão que ele encontrou no próprio conto, o que foi aceito por Droste-Hülshoff. *Die Judenbuche* é baseada em material⁵² que Droste-Hülshoff encontrou na sua região: um caso criminal real – o assassinato de um comerciante judeu - e ocorrências locais – roubo de madeira pelos camponeses⁵³.

Apesar de ter sido publicada em uma revista de grande circulação e influência, *Die Judenbuche* recebeu pouca atenção da crítica, muito provavelmente em razão de sua estrutura e seus modos narrativos experimentais e incomuns para a época. Foi só no final do século XIX que a narrativa passou a receber atenção da crítica, no contexto de uma redescoberta de Droste-Hülshoff como autora católica na assim chamada "Kulturkampf" ("confronto de culturas"). Esse confronto foi uma espécie de transferência de um conflito político-religioso para a área cultural na Alemanha, no âmbito da qual a autora e sua obra tornaram-se um importante elemento no conflito político entre a população católica da Westfália e o governo prussiano. Foi durante este conflito que Droste-

⁵⁰ Foi apenas no século XX que *Die Judenbuche* passou a ser lida como uma história criminal. No século XIX, ela foi primeiro lida como uma história rural ("Dorfgeschichte") e depois como uma novela. Cf. Begemann (1999).

⁵¹ Nutt-Kofoth (2018) interpreta esse aceite por parte de Droste-Hülshoff como falta de autoconfiança da autora em suas possibilidades literárias.

⁵² A gênese da narrativa está documentada em Begemann (1999) e Hüge (1984, 2006).

⁵³ Na primeira parte, *Die Judenbuche* retrata uma região caracterizada por insegurança jurídica e crimes ligados a roubo de madeira. Inspiração para esses episódios Droste-Hülshoff teve na história da própria família, de nobres feudais, que brigaram com os camponeses pelos direitos do uso das florestas na região (cf. BEGEMANN, 1999). A segunda parte está inspirada em um caso criminal histórico (GRYWATSCH, 2002; cf. KRUS, 1990), o assassinato do comerciante judeu Soistmann Berend em 1783 em Bellersen, um vilarejo da região da autora. Mais especificamente, Droste-Hülshoff baseou essa parte da *Judenbuche* em um relato do seu tio, *Geschichte eines Algerier-Sklaven*, publicado em 1816, na qual esse contou o caso, o qual um avô de Droste-Hülshoff havia julgado em sua função de senhor feudal. O relato é a única fonte para o caso histórico e contém diversos elementos ficcionais (cf. WERNER, 1979). O texto original está reproduzido, no dialeto original, em Hüge (1984) e Droste-Hülshoff (1999), bem como, traduzido para o alemão contemporâneo, em Haxthausen (2000).

Hülshoff foi estilizada como uma poeta católica regional, uma imagem que em parte persiste até hoje. Independentemente da disputa política, foi então que a famosa "opacidade" narrativa da *Judenbuche*, i.e., seu modo de narrar elíptico e hermético, chamou a atenção da crítica. Junto com a entrada de Droste-Hülshoff no cânone literário alemão, como única autora do século XIX, *Die Judenbuche* tornou-se um dos textos clássicos da literatura alemã daquele século⁵⁴.

Ao mesmo tempo, esse é o único texto em prosa completado e publicado com a concordância de Droste-Hülshoff. Esse fato costuma ser em parte atribuído à atuação de Levin Schücking no processo de preparação do texto para publicação e na mediação do contato com Hermann Hauff, Blasberg e Grywatsch⁵⁵, no entanto, veem como razão principal a aparente satisfação de Droste-Hülshoff, pela primeira vez, com o formato escolhido, uma prosa que mistura fatos com ficção e trabalha com procedimentos narrativos que contribuem para uma atmosfera de ambivalência.

3.2.3 Crítica conservadora do 'Zeitgeist': 'Westphälische Schilderungen aus einer Westphälischen Feder'

O outro texto do projeto sobre a Westfália publicado, mas sem a autorização de Droste-Hülshoff, é o relato também semificcional *Westphälische Schilderungen aus einer Westphälischen Feder* ("Retratos westfalianos de uma pena westfaliana") (HKA V,1), mencionado acima. O texto foi originalmente pensado para ser publicado dentro de uma obra maior sobre a Westfália, sob edição de Levin Schücking, projeto que, contudo, não se realizou. Uma parte do material que Droste-Hülshoff acumulou para a essa obra foi dada em 1841 a Levin Schücking, que planejava publicar uma outra obra sobre a Westfália, em conjunto com Ludwig Amadeus Bauer, sob o título "Uma Alemanha pitoresca e romântica no século XIX", um projeto que não se realizou. Ao mesmo tempo, Droste-Hülshoff decidiu não publicar o seu próprio texto separadamente, por temer reações negativas ao seu retrato da região⁵⁶. O texto, no entanto, que circulou entre amigos da autora, fora publicado, em 1845, por Guido Görres e sem o consentimento dela. Droste-Hülshoff tentara ainda, embora sem sucesso, impedir a publicação⁵⁷.

Essa publicação na *Historisch-politische Blätter für das katholische Deutschland*, causou, assim como Droste-Hülshoff havia temido, reações adversas devido ao retrato que ela fizera da Westfália. O relato é uma peregrinação imaginária através da Westfália e consiste em esboços e imagens geográficas e sociológicas, tomando uma posição crítica em face da industrialização e retratando o estado de abandono da população. Ao mesmo tempo, o texto contrapõe a essa análise crítica da contemporaneidade um retrato idealizado da ordem patriarcal do século XVIII, sob o governo local da Igreja Católica. Sobretudo as partes críticas do texto geraram reações negativas

⁵⁴ Até hoje, *Die Judenbuche* continua sendo objeto de muitos estudos, especialmente narratológicos (cf. RIEB, 1994; ZELLER, 1978); um aspecto mais recente que tem interessado cada vez mais a crítica é a temática judaica do conto. Cf., por exemplo, Doerr (1994), Donahue (1999) e Gray (2003), que identificam no texto tendências antissemitas. Uma posição oposta encontra-se, por exemplo, em Grywatsch (2006), e, de forma semelhante, em Nowinska (2015). Para uma análise de motifs judaicos nas traduções da *Judenbuche*, cf. Nowinska (2012).

⁵⁵ BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. *Op. cit.*

⁵⁶ cf. HUGE, *op. cit.*

⁵⁷ DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Op. cit.*

entre os leitores.

Todos os três textos sobre a Westfália contêm descrições da região nas quais fatos são apresentados e interpretados de um modo poético-imaginativo. Fato e ficção não podem ser claramente separados nesses textos; a insatisfação com as formas escolhidas parece ter sido a razão principal o que levou Droste-Hülshoff a desistir de dois desses três textos⁵⁸.

Uma outra característica que os três textos têm em comum é a representação de uma Westfália histórica, não contemporânea. O "manuscrito" do viajante de *Bei uns zu Lande auf dem Lande* é datado, pelo editor fictício, no século XVIII; a trama da *Judenbuche* acontece entre os anos 1738 e 1788; e o narrador dos *Westphälische Schilderungen* continuamente aponta, no texto, para o fato de que aquilo que ele descreve pertence ao passado e está prestes a desaparecer. A inclinação de Droste-Hülshoff a uma perspectiva histórica costuma ser atribuída a sua atitude restaurativa; como filha de nobres, ela tenderia a favorizar essas tendências da sua época. Ao mesmo tempo, alguns críticos entendem esses textos mais como pertencentes ao gênero do romance histórico do que como a expressão de uma atitude política da autora⁵⁹. Cartas da autora evidenciam também o interesse de Droste-Hülshoff por romances históricos, como os de Walter Scott. Análises mais recentes, no entanto, enfatizam a atitude crítica de Droste-Hülshoff, e neste sentido sim política, em relação aos processos de mudança de seu tempo, por exemplo à industrialização como fator de destruição da natureza e de estruturas sociais⁶⁰. A resistência de Droste-Hülshoff à publicação de *Westphälische Schilderungen* parece testemunhar, assim, a sua consciência de uma certa discrepância de suas visões do passado em relação à sua época.

3.3 Última tentativa em prosa: 'Joseph'

O último texto em prosa de Droste-Hülshoff é o fragmento de um conto intitulado *Joseph* ("Joseph") (HKA V,1). Droste-Hülshoff começou esse trabalho em 1844, com o objetivo de publicá-lo em uma coletânea de contos; porém, já em 1845 ela abandonara o projeto novamente, por falta de material, como expressa em suas cartas. Huge⁶¹ e Blasberg e Grywatsch⁶² veem nesse trabalho uma sequência ao projeto da *Judenbuche*, cuja publicação deve ter dado impulsos a Droste-Hülshoff para escrever e publicar mais prosa. Tal como no início do trabalho para a *Judenbuche*, Droste-Hülshoff volta aqui também ao gênero da história criminal e, semelhante à estrutura do *Bei uns zu Lande auf dem Lande*, emoldura a narração duplamente: um editor fictício narra as lembranças de uma jovem sobre um caso criminal.

Joseph é o único texto de Droste-Hülshoff situado fora da Westfália: a trama acontece nos Países Baixos, que a autora visitara em 1834 e sobre os quais estudara por meio de consultas a diversas obras sobre a região⁶³. O texto, que abrange apenas algumas poucas páginas, não desenvolve muito a trama que, à semelhança de *Judenbuche*, supostamente contaria "o que realmente aconteceu em BRABANTIO [ênfase no original]" (HKA VIII, 228). Na

⁵⁸ Para declarações de Droste-Hülshoff sobre os princípios de sua prosa cf. Spies (2010, p. 23).

⁵⁹ cf. CHASE, 2001; HUGE, 1984.

⁶⁰ cf. DETERING, 2020.

⁶¹ HUGE, W. *Op. cit.*

⁶² BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. *Op. cit.*

⁶³ cf. KLUGE, 2004.

época em que escrevia *Joseph*, Droste-Hülshoff estava ocupada com diversos projetos paralelos, e logo adoeceu seriamente. Assim, é possível que o abandono desse texto tenha sido menos uma questão poetológica e mais uma questão de falta de tempo e de saúde. No entanto, a correspondência de Droste-Hülshoff sugere que, tal como no caso de outros projetos de prosa, aqui também a autora não conseguia realizar a forma imaginada. As experiências com formatos híbridos, semifictionais, e inusitados na época atestam a alta exigência de Droste-Hülshoff ao próprio escrever. Embora neste momento da vida (como autora então já reconhecida e financeiramente independente) e em uma obra com essa temática (pela primeira vez longe da Westfália) Droste-Hülshoff não precisasse se curvar tanto às expectativas direcionadas a ela como mulher e filha de uma antiga família de nobres, ainda assim o alto nível de exigência consigo mesma e com sua produção literária parece ter sido determinante no abandono deste projeto.

4 Conclusões

A obra em prosa de Droste-Hülshoff evidencia diversas tendências que se repetem em todos os projetos. Do ponto de vista temático, a região na qual Droste-Hülshoff nasceu e viveu, a Westfália, é um tema muito caro a ela (não apenas em prosa). Como mencionado, com a exceção do fragmento *Joseph*, todos os textos situam-se mais ou menos explicitamente essa região. Mas é justamente essa proximidade que parece ter criado dificuldades para Droste-Hülshoff: ela parece ter tido dificuldades em encontrar um modo de narrar que fosse distante o suficiente da sua situação biográfica, o que a levou, em três casos – *Ledwina*, *Bei und zu Lande auf dem Lande* e *Westphälische Schilderungen* – a abandonar os projetos de prosa; apenas no caso da *Judenbuche* ela aparenta ter encontrado um modo de narrar a Westfália que lhe permitia ver o texto como não-biográfico e, portanto, publicável.

Uma outra dificuldade de Droste-Hülshoff parece ter sido de natureza formal: encontrar um formato ou gênero com o qual ficasse satisfeita. Depois da rejeição do romance sentimental, talvez justamente por ele ser considerado um formato "feminino", Droste-Hülshoff buscava uma forma de narrar no limite entre o fático e o ficcional. A sua poética exigia a forte referência de textos em prosa no fático, enquanto, ao mesmo tempo, as formas que lhe pareciam ser mais próximas foram formas ficcionais: o conto criminoso ou de suspense. Na *Judenbuche*, ela incorporou aspectos desse gênero: o elemento de mistério e de suspense é muito forte, tanto na trama como na linguagem da narrativa. Com *Joseph*, ela havia retornado ao formato com o qual já havia tido êxito.

Por fim, a atividade literária de Droste-Hülshoff, não só em prosa, testemunha também o papel dos homens na escrita feminina. Homens estiveram sempre presentes na produção literária de Droste-Hülshoff, seja como mentores, seja como mediadores de publicações, seja como editores e redatores que influenciavam as suas publicações – como Hauff, na editora Cotta, que alterou o título da narrativa, ou como Görres que publicou *Westphälische Schilderungen* sem o consentimento da autora. A intervenção masculina fica visível como um forte elemento na produção literária de mulheres na Alemanha do século XIX, mesmo na produção desta autora que, graças ao seu status social e reconhecimento como escritora, logrou alcançar uma independência relativamente grande para uma mulher de sua época.

Por fim, Droste-Hülshoff, que poderia ser relativamente "convencional" na vida social, mas que enquanto autora "media forças com os homens", entrou por isso mesmo em conflito com o sistema literário do século XIX, usurpando uma posição que o sistema representacional da época não previa para mulheres "quando não se tratava

de trivialidades, mas de 'alta literatura'⁶⁴. Se essas convenções interferiram no processo criativo de Droste-Hülshoff, elas, contudo, não implicavam apenas desvantagens: da "constelação precária do poeta enquanto mulher"⁶⁵ resultavam não apenas atritos, mas também diversos momentos criativos na sua obra. Como um gênero relativamente novo na Alemanha, mas já bastante popular na época⁶⁶, a prosa estava aberta para experiências, e a prosa de Droste-Hülshoff tem um nítido caráter experimental. Muitas de suas características – o caráter fragmentário, os gêneros difusos, a heterogeneidade estilística e interpretativa⁶⁷ – podem ser entendidas como indícios de uma época de transição, visível em diversas áreas da sociedade, bem como indícios da posição especial de Droste-Hülshoff como autora.

Referências

- AREND, A. Humor and Irony in Annette von Droste-Hülshoff's 'Heidebilder'-Cycle. *German Quarterly*, v. 63, n. 1, p. 50–58, 1990.
- BEGEMANN, C. Kommentar. In: DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON (Ed.). *Die Judenbuche*. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999. p. 81–122.
- BELEMANN, C. "Verzweifelte Nonne" oder "forschende Norne?" Zur Ausgrenzung weiblicher Traditionsbildung in der Droste-Rezeption. In: NIETHAMMER, O.; BELEMANN, C. (Eds.). *Ein Gitter aus Musik und Sprache: Feministische Analysen zu Annette von Droste-Hülshoff*. Paderborn: Schöningh, 1993. p. 91–101.
- BLASBERG, C. Gattungen. In: BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. (Eds.). *Annette von Droste-Hülshoff Handbuch*. Berlin & Boston: De Gruyter, 2018. p. 581–591.
- BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. Einleitung. In: BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. (Eds.). *Annette von Droste-Hülshoff Handbuch*. Berlin & Boston: De Gruyter, 2018. p. 477–480.
- BLEKER, J. (Ed.). *Der Eintritt der Frauen in die Gelehrtenrepublik: zur Geschlechterfrage im akademischen Selbstverständnis und in der wissenschaftlichen Praxis am Anfang des 20. Jahrhunderts*. Husum: Matthiesen, 1998.
- BRINKER-GABLER, G. *Deutsche Literatur von Frauen*. Bd. 2.: 19. und 20. Jahrhundert. Erscheinungsort nicht ermittelbar: [s.n.].
- CHAMBERS, H. *Humor and Irony in Nineteenth-Century German Women's Writing*. Studies in Prose Fiction, 1840-1900. Rochester, NY: Camden House, 2007.
- CHASE, J. S. Half-Faded Pictures: Die Judenbuche as Historical Fiction. In: DURRANI, O.; PREECE, J. (Eds.). *Travellers in Time and Space: The German Historical Novel / Reisende durch Zeit und Raum: Der deutschsprachige historische Roman*. Amsterdam: Rodopi, 2001. p. 39–47.
- CZUCKA, E. Prosa. In: BURDORF, D.; FASBENDER, C.; MOENNIGHOFF, B. (Eds.). *Metzler Lexikon Literatur*. Begriffe und Definitionen. 3. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2007. p. 613f.
- DETERING, H. *Holzfrevel und Heilsverlust*: die ökologische Dichtung der Annette von Droste-Hülshoff. Göttingen:

⁶⁴ LIEBRAND, 2008, p. 12.

⁶⁵ Ibidem; grifos no original.

⁶⁶ cf. CZUCKA, 2007.

⁶⁷ Liebrand (*op. cit.*) fala de "refrações criativas" em relação ao inventário tradicional de formas literárias.

Wallstein Verlag, 2020.

DICKMANN, E.; SCHÖCK-QUINTEROS, E.; DAUKS, S. (EDS.). *Barrieren und Karrieren: die Anfänge des Frauenstudiums in Deutschland*. 2. ed. Berlin: Trafo-Verlag, 2002.

DITZ, M.; MAURER, D. *Annette von Droste-Hülshoff und ihre Freundinnen*. Meersburg: Turm-Verlag, 2006.

DOERR, K. The Specter of Anti-Semitism in and around Annette von Droste-Hülshoff's *Judenbuche*. *German Studies Review*, v. 17, n. 3, p. 447–471, 1994.

DONAHUE, W. C. "Ist er kein Jude, so verdiente er einer zu sein": Droste-Hülshoff's *Die Judenbuche* and Religious Anti-Semitism. *German Quarterly*, v. 72, n. 1, p. 44–73, 1999.

DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Die Judenbuche*. Ein Sittengemälde aus dem gebirgigten Westfalen. In: HUGE, W. (Ed.). *Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel*. Bd. 5,1 Prosa, Text. Tübingen: Niemeyer, 1978. p. 1–42.

DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Die Judenbuche*. Ein Sittengemälde aus dem gebirgigten Westfalen. Mit einem Kommentar von Christian Begemann. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.

DUVE, K. *Fräulein Nettas kurzer Sommer: Roman*. 1. Auflage ed. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 2020.

FRANK, G. Auf dem Weg zum Realismus. In: BEGEMANN, C. (Ed.). *Realismus: Epoche, Autoren, Werke*. Darmstadt: Wiss. Buchges, 2007. p. 27–44.

FRANK, G.; SCHERER, S. Epochalität. In: BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. (Eds.). *Annette von Droste-Hülshoff Handbuch*. Berlin & Boston: De Gruyter, 2018. p. 553–560.

GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GRAY, R. T. Red Herrings and Blue Smocks: Ecological Destruction, Commercialism and Anti-Semitism in Annette von Droste-Hülshoff's *Die Judenbuche*. *German Studies Review*, v. 26, p. 515–543, 2003.

GRÉSILLON, A. Was ist Textgenetik? In: BAURMANN, J.; WEINGARTEN, R. (Eds.). *Schreiben: Prozesse, Prozeduren und Produkte*. Opladen: Westdeutscher Verl, 1995. p. 288–319.

GRYWATSCH, J. Literaturgeschichte und Museum oder Drostes "Judenbuche" und die Translozierung eines jüdischen Hauses aus Ovenhausen. In: STEINECKE, H.; TIGGESBÄUMKER, G. (Eds.). *Jüdische Literatur in Westfalen. Vergangenheit und Gegenwart*. Symposium im Museum Böckerhof 27. bis 29. Oktober 2000. Bielefeld: Aisthesis, 2002. p. 175–183.

GRYWATSCH, J. Ein "Sittengemälde" mit "Vorurteil". *Die Judenbuche* als Quelle für das jüdische Leben im ländlichen Ostwestfalen um 1800. In: BAUMEIER, S.; STIEWE, H. (Eds.). *Die vergessenen Nachbarn*. Juden auf dem Lande im östlichen Westfalen. Bielefeld: Verlag für Regionalgeschichte, 2006. p. 109–120.

GUTHRIE, J. Washington Irving's "Bracebridge Hall" and Annette von Droste-Hülshoff's "Bei uns zu Lande auf dem Lande". *The Modern Language Review*, v. 83, n. 2, p. 351–363, 1988.

HAXTHAUSEN, A. VON. *Geschichte eines Algierer-Sklaven*: Urfassung der "Judenbuche". Tradução de Gerta Thier. Brakel: G. Thier, 2000.

HOWE, P. "Ledwina" and "Bei uns zu Lande auf dem Lande": Two Unfinished Texts. *Occasional Papers in German Studies: Women Writers of the Age of Goethe*, v. 10, p. 29–60, 1998.

HUGE, W. (Ed.). *Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel*. Bd. 5,2 Prosa, Dokumentation. Tübingen: Niemeyer, 1984.

- HUGE, W. *Annette von Droste-Hülshoff, Die Judenbuche: Erläuterungen und Dokumente*. Stuttgart: Reclam, 2006.
- KLUGE, G. Das Niederlande-Bild der Annette von Droste-Hülshoff in "Joseph", Fragment einer Kriminalgeschichte. *Droste-Jahrbuch*, v. 5, p. 187–216, 2004.
- KRAFT, H. Erklärungsbilder, Wunschbilder: Über Annette von Droste-Hülshoff. *Occasional Papers in German Studies: Women Writers of the Age of Goethe*, v. 10, p. 5–28, 1998.
- KRUS, H.-D. *Mordsache Soistmann Berend*. Zum historischen Hintergrund der Novelle "Die Judenbuche" von Annette von Droste-Hülshoff. Münster: Aschendorff, 1990.
- LAVATER-SLOMAN, M. *Einsamkeit: Das Leben der Annette von Droste-Hülshoff*. Stuttgart: Artemis, 1957.
- LIEBRAND, C. *Kreative Refakturen: Annette von Droste-Hülshoffs Texte*. Freiburg i. Br. [u.a.]: Rombach Verlag, 2008.
- MAJCHER, A.; ZIMMER, A. Hochschule und Wissenschaft: Karrierechancen und -hindernisse für Frauen. In: BECKER, R.; KORTENDIEK, B. (Eds.). *Handbuch Frauen- und Geschlechterforschung*. Theorie, Methoden, Empirie. 3. ed. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2010. p. 705–712.
- NETTESHEIM, J. (ED.). *Schlüter und die Droste: Dokumente einer Freundschaft; Briefe von Christoph Bernhard Schlüter an und über Annette von Droste-Hülshoff*. Münster: Regensberg, 1956.
- NETTESHEIM, J. Die geistige Welt Christoph Bernhard Schlüters und seines Kreises im 'Geistlichen Jahr' Annettes von Droste-Hülshoff. In: *Literaturwissenschaftliches Jahrbuch*. Neue Folge. [s.l.] Duncker & Humblot, 1961. p. 149–184.
- NIETHAMMER, O. Kanonisierung als patriarchalischer Selektionszwang? Das Beispiel Annette von Droste-Hülshoff. In: ARNOLD, H. L. (Ed.). *Literarische Kanonisierung*. Text + Kritik. Zeitschrift für Literatur. Sonderband 2002. München: edition text+kritik, 2002. p. 181–197.
- NOWINSKA, M. *Tradução e sensibilidade: "Die Judenbuche" de Annette von Droste-Hülshoff e suas traduções*. Tese de doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- NOWINSKA, M. Parte da sociedade ou sociedade à parte? Representação de judeus na "Judenbuche" (1842) de Annette von Droste-Hülshoff. *Literatura e Sociedade*, v. 21, p. 70–79, 2015.
- NUTT-KOFOTH, R. ‚Biedermeier‘ als literaturgeschichtliches Problem – in Hinblick auf Annette von Droste-Hülshoff und andere als ‚konservativ‘ etikettierte Autoren. Eine Einleitung. In: NUTT-KOFOTH, R. (Ed.). *Literaturgeschichte als Problemfall: zum literarhistorischen Ort Annette von Droste-Hülshoffs und der "biedermeierlichen" Autoren in der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts*. Droste-Jahrbuch. Hannover: Wehrhahn-Verlag, 2017. p. 7–23.
- NUTT-KOFOTH, R. Druck- und Textgeschichte. Editionen und ihre Prinzipien. In: BLASBERG, C.; GRYWATSCH, J. (Eds.). *Annette von Droste-Hülshoff Handbuch*. Berlin & Boston: De Gruyter, 2018. p. 681–692.
- OESTERLE, G. Annette von Droste-Hülshoff: "Bei uns zu Lande auf dem Lande". Dekonstruktion von Detailrealismus und Überbietung jungdeutscher Schreibmanier. In: NIETHAMMER, O. (Ed.). *Transformationen: Texte und Kontexte zum Abschluss der historisch-kritischen Droste-Ausgabe*. Festakt und Tagung in Münster am 6. Juli und am 13./14. Juli 2001. Bielefeld: Aisthesis, 2002. p. 87–102.
- PINO, C. A.; ZULAR, R. *Escrever sobre escrever*. Uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- RIEB, C. "Ich kann nichts davon oder dazu tun". Zur Fiktion der Berichterstattung in Annette von Droste-Hülshoffs Judenbuche. In: BRANDT, W. (Ed.). *Erzähler - Erzählen - Erzähltes*. Festschrift für Rudolf Freudenberg.

Stuttgart: Franz Steiner, 1994. p. 47–65.

SAZAKI, K. R. The Crippled Text/Woman: Annette von Droste-Hülshoff's *Ledwina*. *Monatshefte für Deutschsprachige Literatur und Kultur*, v. 89, n. 2, p. 168–81, 1997.

SCHLAFFER, H. Die weibliche Muse und der Weltruhm. Schriftstellerinnen in Deutschland und England im 19. Jahrhundert. In: BORGARDS, R. (Ed.). *Diskrete Gebote: Geschichten der Macht um 1800*. Festschrift für Heinrich Bosse. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2002. p. 279–290.

SCHNEIDER, R. *Annette von Droste-Hülshoff*. 2. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 1995.

SCHÜCKING, L. *Annette von Droste: ein Lebensbild*. Stuttgart: Koehler, 1992.

SENGLE, F. *Biedermeierzeit*. Bd. 3: Die Dichter. Stuttgart: Metzler, 1980. v. 3

SILVA, C. C. e; MONTÉMONT, V. Crítica Genética e estudos de gênero: censura e normalização em dois diários de mulher. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, [S.I.], n. 42, p. 245–255, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/180206>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

SPIES, H. *Literatur in den Briefen Droste-Hülshoffs*. Frankfurt am Main et al.: Lang, 2010.

STANLEY, P. H. Annette von Droste-Hülshoff's Poetic Vision Unmasked: The Importance of the Novel Fragment *Ledwina*. *South Atlantic Review*, v. 61, n. 1, p. 1–25, 1996.

TULLY, C. Placing Droste's *Ledwina*: "Jugendwerk" or "Gescheiterte Frauenliteratur"? *German Life and Letters*, v. 52, n. 3, p. 314–324, 1999.

VAHSEN, M. *Wie alles begann – Frauen um 1800*. Disponível em: <<https://www.bpb.de/themen/gender-diversitaet/frauenbewegung/35252/wie-alles-begann-frauen-um-1800/>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

VON HEYDEBRAND, R. Interferenzen zwischen Geschlechterdifferenz und Poetik. Annette von Droste-Hülshoff und Levin Schücking als schreibendes Paar. *Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur (IASL)*, v. 26, n. 2, p. 121–157, dez. 2001.

WERNER, M. Dichtung oder Wahrheit? Empirie und Fiktion in A. von Haxthausens "Geschichte eines Algerier-Sklaven", der Hauptquelle zur "Judenbuche" der Droste. *Zeitschrift für Deutsche Philologie*, v. 99, n. Sonderheft, p. 21–31, 1979.

WOESLER, W. (ED.). *Annette von Droste-Hülshoff*. Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel. Tübingen: Niemeyer, 1978.

ZELLER, H. Zur Deutungsproblematik der *Judenbuche* - semiotisch gesehen. *Beiträge zur Droste-Forschung*, v. 5, p. 95–104, 82 1978.

ZULAR, R. (ED.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Recebido em: 30/04/2022

Aceito em: 04/11/2022